
7 PSICOLOGIA E SUSTENTABILIDADE EM DIÁLOGO: UM OLHAR TRANSPESSOAL

Ana Maria Amorim Assis de Melo

Psicóloga, graduada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com ênfase em processos clínicos e de saúde. Tem experiência em Avaliação Neuropsicológica e habilitação cognitiva. Atua em Psicologia Clínica. Estuda a abordagem Transpessoal, e a dinâmica ser humano-ambiente, a partir do referencial da Psicologia Ambiental.

E-mail: anaamorim.psi@gmail.com

José Bonifácio do Amparo Sobrinho

Psicólogo, Mestre em Psicologia Social e do Trabalho (UFBA) e professor substituto do Colegiado de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É fundador do Centro de Pesquisas e Ciências do Comportamento (CEPECC), que desenvolve orientações de projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos, com foco em programas de mestrado e doutorado. Artista, lançou em 2020 o disco Divina(o), que celebra a matriz afro-brasileira.

E-mail: jasobrinho@uneb.br

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de identificar os aspectos e as demandas levantadas pela Psicologia ao tema Sustentabilidade. Para isto se utilizou o método de revisão integrativa, que visa a síntese crítica da literatura de forma integrada e, com isso, gerar novas perspectivas ao tema. A partir destas informações identificou as articulações entre a Psicologia Transpessoal e a Sustentabilidade presentes na literatura no Brasil, propondo sugestões operacionais para a aplicação teórica à prática de profissionais doutrinados nesta abordagem. A pesquisa foi encaminhada a partir da revisão de artigos que apresentam as contribuições da Psicologia ao tema Sustentabilidade, e com livros vinculados à formação da sociedade sustentável sob a perspectiva das orientações das matrizes teóricas da psicologia Transpessoal. A análise dos resultados foi realizada a partir da abordagem qualitativa, apontando categorias que favorecem a identificação do estado de arte acerca do fenômeno Sustentabilidade, a partir do embasamento teórico Transpessoal, bem como a integração das demandas identificadas no campo, apresentadas em tópicos reflexivos. Este documento está organizado em 5 seções: a primeira introduz a discussão, sendo seguida pela descrição metodológica. Os resultados são apresentados na terceira seção, a partir da classificação dos estudos associados à contribuição da Psicologia para a Sustentabilidade, e à Psicologia Transpessoal para a Sustentabilidade e mapeamento das categorias de análise sugeridas pelos autores, a saber: alienação, identidade, responsabilidade individual, autogestão comunitária, corpo e memória muscular, sustentabilidade afetiva, democracia, e ação no meio rural e no meio urbano; Na quarta seção é proposta a discussão dos achados, organizados em torno dos tópicos temáticos "Sociedade Sustentável", "Psicologia e Sustentabilidade", e "Psicologia Transpessoal: a percepção integral do ser sustentável". Neste último é sugerida a operacionalização do Mapa da Sustentabilidade como recurso técnico na utilização da Psicologia Transpessoal à Sustentabilidade. Por fim, na quinta seção são realizadas as considerações finais, as críticas e encaminhamentos de futuras pesquisas.

Palavras-chave: Psicologia transpessoal. Sustentabilidade. Sociedade sustentável. Psicologia.

ABSTRACT

This research aimed to identify the aspects and demands raised by Psychology to the theme Sustainability. For this, the integrative review method was used, which aims to critically synthesize the literature in an integrated manner and, with this, generate new perspectives on the theme. From this information, he identified the articulations between Transpersonal Psychology and Sustainability present in the literature in Brazil, proposing operational suggestions for the theoretical application to the practice of professionals indoctrinated in this approach. The research was conducted from the review of articles that present the contributions of Psychology to the theme Sustainability, and with books linked to the formation of sustainable society from the perspective of the guidelines of the theoretical matrices of Transpersonal Psychology. The analysis of the results was carried out from the qualitative approach, pointing out categories that favor the identification of the state of the art about the Sustainability phenomenon, based on the Transpersonal theoretical basis, as well as the integration of the demands identified in the field, presented in reflective topics. It is organized in 5 sections: the first introduces the discussion, followed by the methodological description. The results are presented in the third section, based on the classification of studies associated with the contribution of Psychology to Sustainability, and Transpersonal Psychology for Sustainability and mapping of the analysis categories suggested by the authors, namely: alienation, identity, individual responsibility, community self-management, muscular body and memory, affective sustainability, democracy, and action in rural and urban areas; The fourth section proposes a discussion of the findings, organized around the thematic topics "Sustainable Society", "Psychology and Sustainability", and "Transpersonal Psychology: the integral perception of being sustainable." In the latter, the operationalization of the Sustainability Map is suggested as a resource technical in the use of Transpersonal Psychology to Sustainability Finally, in the fifth section, final considerations, criticisms and forwarding of future research are carried out.

Keywords: Transpersonal psychology. Sustainability. Sustainable society. Psychology.

7.1 INTRODUÇÃO

Os grandes impactos ambientais ocasionados pela ação humana têm sinalizado a urgência de estudos sobre práticas sustentáveis, ao passo que estas viabilizam ações e reflexões sobre os paradigmas alternativos nos quais se assentam as ações humanas na contemporaneidade (FUKS, 2012). Em se considerando a “ação humana” como processo implicado no comportamento intencional¹ de indivíduos em contextos, geralmente demarcados por regras sociais, condutas e símbolos compartilhados, entende-se que o campo acadêmico da psicologia fornece recursos teóricos, metodológicos e instrumentais para o avanço de reflexões e ações que previnam, prevejam e acolham as demandas emergentes, no transcurso histórico das atividades da humanidade sobre a natureza (BOTARELLI, 2008).

Este estudo objetiva favorecer o entendimento sobre como a sustentabilidade está sendo articulada por pesquisas atuais no campo da Psicologia nos últimos 10 anos, sobretudo ao que tange a psicologia transpessoal. O percurso realizado para fornecer respostas a esta questão permitiu: a) o mapeamento das articulações entre a psicologia transpessoal e sustentabilidade na literatura vigente no Brasil, partindo da identificação dos aspectos mais relevantes apresentados sobre psicologia e sustentabilidade; b) a identificação dos pontos de demanda sugeridos pelos autores sobre psicologia e sustentabilidade e c) a promoção de sugestões operacionais para articular a Sustentabilidade e a Psicologia Transpessoal.

A importância deste estudo advém da urgência de um novo paradigma que amplie as discussões científicas sobre as relações entre humanidade e o meio ambiente. Após 28 anos da ocorrência da RIO-92² a questão ambiental conta com o obstáculo da perspectiva individualista do capitalismo, que causa uma “névoa” na compreensão da população acerca da importância das causas ambientais e seus impactos futuros, conforme sinaliza Boff (2015).

É denunciável que o paradigma científico e social predominante na atualidade dificulta o acesso, assimilação, engajamento e monitoramento das coletividades a respeito dos planejamentos dos governos sobre a temática ambiental. Isto torna as ações ineficientes diante do necessário para o equilíbrio entre o meio ambiente e as sociedades (BOFF, 2015). A urgência

¹ Para Husserl (2006), toda consciência é intencional. Os comportamentos, uma vez que são consciência de algo, são ‘intencionalmente referidos’ a este algo.

² No ano de 1992 a ONU (Organização das Nações Unidas) promoveu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (RIO-92), na qual 179 países assinaram a Agenda 21 Global, um programa de ação baseado em um documento de 40 capítulos visando construir, em escala planetária, um novo modelo de desenvolvimento para o século XXI, denominado “desenvolvimento sustentável”, com as regras para o planejamento de Agendas 21 Nacionais e Locais, estas últimas implementadas em municípios, bacias hidrográficas, regiões metropolitanas e consórcios intermunicipais (MMA, 2017).

de ações voltadas à promoção de soluções ambientais, portanto, promove repercussões sociais, sobretudo a partir do advento da tecnologia digital, que viabiliza espaços para discussões coletivas acerca do assunto.

Novas possibilidades de alimentação e promoção de bem-estar, novas identidades, acordos sociais e regras de conduta, novas bandeiras políticas e modelos sociais de organização humana podem ser delineados a partir de comportamentos mais sustentáveis, assim como novos modelos sociais podem gerar comportamentos mais harmoniosos com o ambiente. Estas novas dinâmicas estão de acordo com as premissas que fundamentam a Psicologia Transpessoal, enquanto abordagem sintonizada ao entendimento sobre aspectos das relações entre os estados e estágios de consciência e a expressão do comportamento humano no mundo, apresentando-se, portanto, como meio de reflexão diante dos desafios contemporâneos da sustentabilidade.

A ausência da temática da psicologia ambiental no estudo de Bernardes (2012) denuncia a incipiência ainda de trabalhos na área, vez que a assimilação dos aspectos ambientais sobre o comportamento de indivíduos e sociedade é significativa na formação das competências de psicólogos(os). A abordagem da sustentabilidade vinculada à psicologia ainda não é uma realidade comum nos programas de graduação no Brasil, ao passo que a pauta é amplamente marginalizada dos Currículos pedagógicos dos cursos. Com isto, este estudo se propõe a debruçar sobre os autores e obras selecionadas, a fim de colaborar para o aumento da discussão referida, ampliando o escopo dos debates sobre a temática e favorecendo o incentivo a próximos pensadores e pesquisadores nesta área ainda pouco reconhecida no Brasil. Pretende-se, pois, articular aspectos associados à perspectiva transpessoal como pauta para um novo paradigma científico e social, bem como provocar o levantamento de implicações na questão ambiental.

7.2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou o método qualitativo de pesquisa, utilizando como estratégia metodológica a revisão integrativa de literatura para mapear os diálogos e articulações entre a psicologia transpessoal e a temática da sustentabilidade, bem como as intersecções e demandas apresentadas por estudos na área. Segundo Torracco (2005), a revisão integrativa permite gerar novas perspectivas sobre um tópico a partir da revisão crítica e a síntese da literatura de modo integrado.

7.2.1 Procedimento de Coleta de Dados

Para a realização da pesquisa foi realizada uma busca de artigos científicos publicados nos últimos 10 anos no Brasil com os descritores “Psicologia Transpessoal e Sustentabilidade” e “Psicologia e Sustentabilidade” através dos bancos de dados acadêmicos Scielo e Lilacs.

Os critérios de inclusão foram: (1) o trabalho estar publicado em formato de artigo; (2) estar disponível nas plataformas Scielo e/ou Lilacs; (3) ter sido publicado entre 2008 e 2018; (4) referir-se à realidade brasileira; (5) estar contido no tópico “psicologia”; (6) ser referente à temática Psicologia e Sustentabilidade.

Em consonância com os critérios de inclusão, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: (1) o artigo relacionar a sustentabilidade a outras perspectivas como trabalho e educação, que não a psicologia; (2) o artigo não ter sido produzido a partir de pesquisa realizada no contexto da realidade brasileira; (3) não ter sido publicado entre 2008 e 2018; (4) trabalhos que se distanciam do campo de estudo investigado.

Para o embasamento teórico de apresentação e discussão da relação entre a Psicologia Transpessoal e a Sustentabilidade realizou-se uma seleção de textos de autoras(es) com publicações relevantes em relação ao tema desta pesquisa.

7.3 RESULTADOS

7.3.1 Psicologia e Sustentabilidade

A pesquisa com o descritor “Psicologia e Sustentabilidade” forneceu o acesso a 38 artigos, apresentados no Quadro 1. Apenas um dos estudos recorreu à pesquisa de campo e estudo de caso, que é o artigo de Roysen (2018). Destes, apenas 7 tinham relação com os objetivos deste trabalho, e utilizavam os referenciais da Psicanálise, Filosofia, Ciências Sociais, Logoterapia, Psicologia Ambiental e Psicologia Social, apresentados brevemente abaixo.

Com o referencial da Psicanálise, Ninis e Bilibio (2012) apresentam uma discussão ambiental através da noção de alienação e mecanismos democráticos; com o referencial da Logoterapia e da Psicologia Ambiental, Corrêa e Bassani (2015) tencionam sobre o senso de responsabilidade, sentido e missão de vida individual e a implicação na sustentabilidade; com foco na Psicologia Social Comunitária, Maciel e Alves (2015) apresentam a autogestão comunitária crítica, adequada ao contexto, e a formação ética do ator social e sua relação com a pauta ambiental. Sob o mesmo foco, Mansano (2016) apresenta uma publicação com foco nas

interfaces entre a pauta ambiental e as relações sociais vividas no espaço urbano; e Mansano e Carvalho (2016) articulam o processo de fluxo dos afetos nos encontros e a noção de sustentabilidade afetiva. A formação de identidades sociais autênticas e em metamorfose vinculadas às potencialidades de mudar a si mesmo e ao mundo é o foco do estudo realizado por Malvezzi (2017). O único trabalho empírico identificado, produzido por Roysen (2018), intitulado “O corpo e a adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila”, apresentou o papel do corpo, repetição de movimentos e formação da memória muscular na frequência de práticas sustentáveis e imersão no meio rural.

Quadro 1 - Lista de Documentos

| Ano | Autor (a) | Título | Referenciais | Assunto | Editora |
|------|--------------------|---|--|--|------------------------------------|
| 1990 | Weil | Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real | Psicologia Transpessoal | Paradigma holístico | Palas Athena |
| 1999 | Saldanha | A Psicoterapia Transpessoal | Psicologia Transpessoal | Fundamentos da abordagem | Rosa dos Tempos |
| 2008 | Wilber | A Visão Integral: Uma Introdução à Revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do Universo e de Tudo Mais | Psicologia Transpessoal | Introdução à abordagem integral | Cultrix |
| 2012 | Ninis e Bilibio | Homo sapiens, homo demens e homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental | Psicanálise; Filosofia; Ciências Sociais | Discussão ambiental através da noção de alienação e mecanismos democráticos | Revista Psicologia & Sociedade |
| 2015 | Boff | Sustentabilidade: o que é, o que não é | Ecologia Profunda | Construção do conceito de sustentabilidade | Vozes |
| 2015 | Corrêa e Bassani | Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre Psicologia Ambiental e Logoterapia | Logoterapia; Psicologia Ambiental | Senso de responsabilidade, sentido e missão de vida individual na sustentabilidade | Psicologia em Estudo |
| 2015 | Maciel e Alves | A importância da Psicologia Social Comunitária para o Desenvolvimento Sustentável | Psicologia Social Comunitária | Autogestão comunitária crítica, adequada ao contexto, e formação ética do ator social na pauta ambiental | Pesquisas e Práticas Psicossociais |
| 2016 | Mansano | Espaço urbano, natureza e relações sociais: por uma sustentabilidade afetiva | Psicologia Social; Filosofia | Interfaces entre a pauta ambiental e as relações sociais vividas no espaço urbano | Psicologia: Teoria e Prática |
| 2016 | Mansano e Carvalho | Psicologia, Filosofia e Meio Ambiente: delineando o conceito de sustentabilidade afetiva | Psicologia Social; Filosofia | O processo de fluxo dos afetos nos encontros, e a noção de sustentabilidade afetiva | Estudos e Pesquisas em Psicologia |
| 2017 | Malvezzi | Identidade e sustentabilidade: os caminhos do homem-fronteira na atualidade | Psicologia Social; Filosofia | Formação de identidades sociais autênticas e em metamorfose, e na mudança de si mesmo e do mundo | Psicologia & Sociedade |
| 2018 | Roysen | O corpo e a adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila | Psicologia Social | O papel do corpo e da memória muscular nas práticas sustentáveis. E imersão no meio rural. | Psicologia & Sociedade |

Fonte: Quadro construído pelos autores do artigo para classificar as obras citadas nos resultados da pesquisa.

7.3.2 Psicologia Transpessoal e Sustentabilidade

Ao pesquisar o descritor “Psicologia Transpessoal e Sustentabilidade” não foi encontrado nenhum artigo. A fim de responder ao objetivo desta pesquisa, portanto, optou-se

por referenciar-se as obras de relevância acadêmica sobre a temática estudada, elencadas no quadro I.

As obras utilizadas foram “Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real” de Weil (1990); “A Psicoterapia Transpessoal” de Saldanha (1999); e “A Visão Integral: Uma Introdução à Revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do Universo e de Tudo Mais” de Wilber (2008). A obra com o referencial da Ecologia Profunda “Sustentabilidade: o que é, o que não é” de Boff (2015) foi integrada a pesquisa por, apesar de não denominar-se psicologia ambiental, comungar com pressupostos similares.

As categorias de análise sugeridas pelos autores não se repetem de um estudo para o outro, porém se configuram como pontos de conexão. Essas categorias são: alienação; identidade; responsabilidade individual; autogestão comunitária; corpo e memória muscular; sustentabilidade afetiva; democracia; e ação no meio rural e no meio urbano.

7.4 DISCUSSÃO

7.4.1 Sociedade Sustentável

Essa primeira seção fala sobre a Sustentabilidade, na qual é apresentada a formulação paradigmática que a favorece, e as condições sociais, políticas e econômicas que propiciam formações práticas de sustentabilidade, a partir de Boff (2015), que propõe uma definição, segundo suas próprias palavras, sistêmica, ecocêntrica e biocêntrica de sustentabilidade:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 2015, p. 107).

Toda formulação e pesquisa científica se sustentam em um paradigma, e os rumos da ciência se dão conforme o solo que abriga sua sementeira. O paradigma é, segundo Kuhn (1962), um conjunto de concepções, valores e técnicas utilizado por uma comunidade científica para definir os problemas e encontrar soluções. Um termo compatível com uma nova proposta de paradigma é a Cosmologia. Segundo Boff (2015), estamos envoltos por duas cosmologias, a moderna denominada de cosmologia da dominação, que tem seu foco na conquista do mundo.

E a cosmologia da transformação, que coloca a ecologia como centro da atenção, expressa na Carta da Terra³, que orienta acerca do pensamento e ações perante o planeta⁴.

Boff (2015) aponta o modelo de sustentabilidade denominado economia solidária, cujo centro fulcral é ocupado pelo ser humano e não pelo capital, pelo trabalho como ação criadora e não como mercadoria paga pelo salário, pela solidariedade e não pela competição, pela autogestão democrática e não pela centralização de poder dos patrões, pela melhoria da qualidade de vida e do trabalho e não pela maximalização do lucro, pelo desenvolvimento local em primeiro lugar e, em seguida, o global.

O modelo explanado por Boff (2015) mostra que a sustentabilidade ensaiada pelo capitalismo está muito distante de uma conexão integradora com a Terra. E seria a democracia, em sua forma plena de garantia de direitos, compatível à formação da sustentabilidade, “cuja lógica é circular e includente. Representa a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à cooperação e à coevolução”. (BOFF, 2015, p. 45).

Ecovilas, economia solidária, movimentos sociais com pautas ambientais, reorganização do consumo e destinação do lixo são exemplos de iniciativas, que podem ser implementadas em comunidade. O engajamento do indivíduo em cada atividade é relacionado à inserção da sua subjetividade nos meios de discussão, na motivação e tomada de atitudes sustentáveis.

7.4.2 Psicologia e Sustentabilidade

Essa seção é destinada à explanação dos artigos pesquisados, e de que forma eles se interconectam e, com isto, identificar os aspectos mais relevantes e os pontos de demanda sugeridos pelos autores sobre psicologia e sustentabilidade. A discussão segue conforme as conexões entre os conceitos e consequentes interpretações sobre a temática.

Ninis e Bilibio (2012) associam o processo de objetificação da natureza ao conceito de alienação e posteriormente de negação, nos quais o ser humano age automaticamente no mundo e esta forma de agir estaria na base da superexploração da natureza, a partir de uma omissão da responsabilidade na manutenção dos recursos ambientais, e um automatismo exploratório diante da crise ambiental já instaurada. Estes autores apresentam a ideia de que a crise ambiental é um reflexo de uma crise psíquica, de uma alienação como sintoma psíquico cultural na medida

³ Ver http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf e também em Boff (2015).

⁴ Recomendo a visita ao ambiente virtual do Ministério do Meio Ambiente, o qual disponibiliza cursos online gratuitos voltados à temática ambiental: <http://ead.mma.gov.br/>.

em que a sociedade reforça como saudáveis culturalmente os comportamentos disfuncionais ao meio ambiente, inclinados mais à desordem que à racionalidade.

Marx (1996) sugere que a alienação do fetichismo da mercadoria assume o lugar das significações religiosas. No processo de afastamento do ser humano da natureza, o consumo se encontra como uma atualização contemporânea da alienação. O fetichismo da mercadoria manifesta uma espécie de culto ao produto, não como um objeto funcional feito na relação social do trabalho, mas como bem repleto de significações subjetivas, próprio do meio de produção capitalista.

Ninis e Bilibio (2012) consideram que existe uma estrutura de simulacro envolvendo o Estado e os aparelhos ideológicos que reproduzem as relações de produção e os interesses privados – a família, o sistema jurídico, as religiões, as escolas e os meios de comunicação – naturalizando a disfuncionalidade ambiental, para que se mantenham os valores hegemônicos e as práticas que os perpetuam na sociedade, o que vicia os mecanismos democráticos, sendo a democracia o regime político mais fértil às práticas sustentáveis. E consideram também que o movimento ambientalista se encontra como ponte entre o pensamento imperativo de competição e as formas de significação da conexão entre as ações humanas e o futuro das próximas gerações e das demais espécies.

Diante da vivência humana automatizada, Malvezzi (2017) apresenta o conceito de identidade como uma metamorfose. A sustentabilidade se estabelece na medida em que a identidade pressuposta, esperada pelas regras de conduta social, é eliminada e a identidade é passível de ampliação das potencialidades, em uma troca autêntica e dinâmica com o meio.

Malvezzi (2017) em sua discussão apresenta dois fatores dificultadores de uma sustentabilidade. A primeira é a lógica binária, na qual o indivíduo se encontra dentro ou fora da reprodução dos hábitos pressupostos sustentáveis. No lugar desta se encontra uma rigidez no rótulo e atribuição dada ao indivíduo que é sustentável e ao que não é, invariavelmente. Ou o indivíduo pertence àquela onda da sustentabilidade, ou é averso a ela, criam-se polaridades relacionais e sociais e pouco progresso diante da crise ambiental. E a segunda é a própria pobreza de recursos simbólicos que esta lógica binária impõe, enquanto uma externalidade, sem a premissa do olhar para si mesmo, para o outro, para a conexão.

Frente ao excesso de externalidades, que ofusca o brilho das motivações do ser humano diante da vida, Corrêa e Bassani (2015) enfatizam que a busca do ser humano por sentido e realização pessoal impacta na relação pessoa-ambiente. Destacam que são realizadas campanhas que preconizam atitudes direcionadas à sustentabilidade, cujo alcance significativo da população se torna dificultado por uma ausência de sentido, e é permeado de

descompromisso com o cuidado ambiental. A Logoterapia pode contribuir para a busca de sentidos coletivos, por cada pessoa. O que tem a ver com a ideia de se ter uma missão, uma tarefa como convocação à autotranscendência diante da realidade coletiva, e para isto tem-se a educação ambiental como importante nesta jornada rumo ao cuidado ambiental da livre escolha responsável, menos autômata.

Um primeiro aspecto da responsabilidade como sentido do cuidado ambiental pode relacionar-se à educação; não uma educação ambiental para a ação propriamente dita, mas uma educação para a vida e para as possibilidades de responder à vida. Para tanto, é necessário que o ser humano aprenda a “estar aqui” no planeta, ou seja, é necessário que o ser humano presenteie a sua existência com o sentido da responsabilidade (CORRÊA; BASSANI, 2015, p. 645).

A Psicologia Ambiental tem um caráter interdisciplinar por considerar também a relação indivíduo/comunidade, e a relação com o social e ambiental. Ela considera a espacialidade e a temporalidade nas relações pessoa-ambiente e também leva em conta os processos afetivos e cognitivos no ambiente e nas relações (CORREA; BASSANI, 2015), como o ambiente é vivenciado, como as relações são sentidas.

Ao envolver as dimensões comunitárias e sociais, a Psicologia Ambiental remete ao papel de área na Psicologia que ocupa o lugar de pensar essas dimensões e atuar a partir delas, que é a Psicologia Social. O seu surgimento ocorreu no período em que o Brasil estava sob a égide do golpe militar de 1964, como perspectiva reflexiva profissional da(o) psicóloga(o) com relação ao seu papel na conscientização da população. Uma Psicologia que promovesse a reflexão acerca dos condicionantes da sua estrutura social (MACIEL; ALVES, 2015).

A Psicologia Social Comunitária promove as relações de cooperação e as práticas autogestionárias de identificação das necessidades e aspirações da comunidade. (MACIEL; ALVES, 2015), contribuindo para a crítica e estabelecimento da dimensão ética fundamental. No âmbito da discussão ambiental há a importância de se desenvolver uma ética da crise, para atuar perante a crise ética em que se vive atualmente (MACIEL; ALVES, 2015).

Com o surgimento da discussão entre a crise ambiental e o desenvolvimento no século XX, a Psicologia Social Comunitária se fez importante na busca por alternativas de desenvolvimento baseadas nas premissas sustentáveis. Como apresentado por Maciel e Alves (2015), o indivíduo, além de ter a influência externa que o determina, é um ator social diante do contexto, que mobiliza as dimensões subjetivas e interpessoais e realiza suas potencialidades no coletivo. A criatividade do ser humano pode ser considerada como questão chave na construção da sustentabilidade.

A forma como as ações são realizadas, e o tempo investido nos procedimentos de planejamento e tomadas de atitudes são muito relevantes para a concretização de impactos ambientais. Para Roysen (2018), o comportamento ambientalmente responsável não é estabelecido de uma maneira consequente apenas a partir de valores ecológicos e consciência ambiental. Isto é apontado pelo nível crescente de consumo e deteriorização dos recursos, mesmo com o aumento da preocupação pública com as questões ambientais.

Roysen (2018) apresenta a noção de “memória muscular” como os padrões corporais dispostos a partir da repetição de comportamentos, nos quais os hábitos são definidos. Além da busca racional por motivos do ser humano para adquirir novos hábitos ambientais, o corpo se insere como o estágio da realização, e através do exercício corporal se consolidam as premissas da sustentabilidade. Para Roysen (2018) a memória procedimental, a mesma memória prática, ou memória muscular, é incorporada ao se fazer parte de um coletivo. A mudança cultural é facilitada pela presença de um grupo solidário, e na análise sobre a vivência coletiva com a busca de práticas sustentáveis, o estudo apresenta as considerações acerca da experiência em uma ecovila.

As ecovilas são comunidades, que visam promover relações humanas permeadas pela cooperatividade e cultivar atitudes com menor impacto ambiental danoso. A organização da ecovila é pautada na autogestão e diálogo, com o reaproveitamento de materiais e utilização de recursos naturais da própria região. Após o período na ecovila, Roysen (2018) faz um relato da experiência que teve após o término da pesquisa de campo. Ao deixar a ecovila, algumas práticas foram extintas pois não foi gerada uma incorporação de hábitos. Com o seu retorno da ecovila os hábitos anteriores retomaram o cotidiano da autora, segundo sua própria interpretação.

O corpo tratado aqui como importante na dinâmica da formação de hábitos, por repetição de movimentos, também se insere como observatório de afetos nos encontros. Através da abertura para a variância do fluxo das emoções, há a possibilidade de construção da sustentabilidade afetiva e, por conseguinte, da sustentabilidade com o meio natural.

A axiomatização dos sujeitos, grupos e movimentos a partir do princípio da geração de lucro é a caracterização do capitalismo. Isto mobiliza os agentes a ficarem atentos às situações corriqueiras, criando e alterando nichos de mercado, cuja preocupação é a dinâmica financeira, não a atribuição de sentido humanitário para a oferta de serviços (MANSANO; CARVALHO, 2016). Mediante a análise das relações sociais se evidencia que há um empobrecimento afetivo e relacional, que aponta para a necessidade de análise crítica sobre o modo de vida que está sendo construído (MANSANO; CARVALHO, 2016).

Ao passo que o ser humano está imerso na dinâmica dos encontros é afetado por eles. O encontro é o contato com os afetos. A potência do corpo é variada pelo efeito dos afetos nos encontros. As alegrias e tristezas causam potência de ânimo ou desânimo, em suas variações de intensidade. Há a condição de ambiguidade das variações entre aumentos e diminuições de afetos, que revela uma insustentabilidade afetiva na sociedade. Com isto, o ser humano se vê enclausurado em manter uma estabilidade afetiva, sem as variações emocionais, e não percebe o caráter cíclico e mutável da natureza, considerando ser inevitável a destruição do planeta (MANSANO; CARVALHO, 2016).

Para Mansano (2016) estudar sustentabilidade implica em promover a conscientização para os interesses coletivos, no processo de emancipação dos sujeitos. E o espaço urbano é um lugar de oportunidades de debates políticos, para ações de enfrentamento das dificuldades coletivas, nas relações socioafetivas e com o meio ambiente. Viver numa cidade é contatar uma variedade de afetos, que formam um conjunto instável contendo medos e alegrias, mesclados a amor e ódio, ao longo da história. A aproximação entre a sustentabilidade afetiva e o espaço urbano está contida nessa multiplicidade de afetos e da consideração deste espaço como ambiente propício à apreciação ética e política das maneiras de viver, e à análise dos efeitos dos afetos no corpo (MANSANO, 2016).

Conforme Mansano (2016) apresenta, ao mesmo passo que o movimento entre pessoas, carros e informações é acelerado nas cidades, ocorre uma ameaça de paralisia, que consiste na hesitação diante das possibilidades de práticas coletivas visando mudanças na crise ecológica. A preocupação com a devastação no campo social e mental deve anteceder à preocupação com a devastação ecológica. É apontada a necessidade de construção de uma micropolítica afetiva, que contemple a variação dos afetos no espaço urbano, em um processo de sustentabilidade afetiva, e de construir coletivamente a sustentabilidade planetária ((MANSANO, 2016).

Os aspectos relevantes sugeridos nos artigos são refletidos enquanto demandas de mais estudos, mais implicação teórica e de intervenções. Os pontos de demanda tratados compõem uma rede de base fundamental para se construir o pensamento sustentável e ações eficazes neste sentido.

A partir da explanação dos estudos o que se observa é a multiplicidade de categorias de análise na relação entre Psicologia e Sustentabilidade. As categorias não se repetem, o que permite inferir uma incipiência de estudos que aprofundem as investigações sobre uma mesma categoria. A categoria que é mencionada mais de uma vez é a importância da Democracia para abrigar as discussões acerca da Sustentabilidade, apresentada em Ninis e Bilibio (2012) e Boff

(2015). Para além desta crítica, pode-se considerar que as categorias sugeridas pelos autores dialogam de forma a envolver um conjunto no qual se comunicam.

7.4.3 Psicologia Transpessoal: a Percepção Integral do Ser Sustentável

Essa seção corresponde ao objetivo de apresentar a definição da Psicologia Transpessoal e o seu paradigma embasador, e promover sugestões operacionais para articular a Sustentabilidade e a Psicologia Transpessoal.

Em 1892, o filósofo e médico estadunidense William James, um dos fundadores da Psicologia moderna, definiu a Psicologia como o campo propício a descrever os estados de consciência, e dentre as manifestações que ocorreriam nas pessoas ao acessar esses estados – para além do estado de vigília –, estão as experiências místicas, espirituais, expressas na limitação das palavras para descrever a vivência; na convicção de que a vivência foi real; na ausência do medo da morte, com uma compreensão cíclica da vida; e na mudança de valores, através de atitudes mais éticas, que beneficiam todos os seres (SALDANHA, 1999).

A Psicologia Transpessoal pode ser conceituada como o “estudo e aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à Unidade Fundamental do Ser” (SALDANHA, 1999, p. 34), por considerar as dimensões espirituais da psique, manifestadas pela consciência cósmica unitiva, que permite a percepção do ser humano em unidade com o cosmo. E sua teoria se constitui em 5 elementos estruturais: os conceitos de unidade, de vida, de ego, estados de consciência e cartografia da consciência; e os 2 elementos dinâmicos são o eixo experiencial e o eixo evolutivo (SALDANHA, 1999). Ademais há estudos sobre os níveis ou estágios de consciência vivenciados a partir dos estados de consciência, descritos por Wilber (2008).

Para entender a visão de mundo e de homem da ciência Transpessoal, passaremos agora para uma reflexão sobre as bases do desenvolvimento de seus conceitos, a visão holística. Holística é um adjetivo que se refere ao conjunto em suas relações com suas partes, à inteireza do mundo e dos seres (WEIL, 1990). Smuts (1996), primeiro autor a usar o termo holismo dessa maneira, define o Holismo como tendência à criação de todos no universo, de maneira sintética. Ele propunha a Teoria de Campo como referência para o novo modelo de ciência, pois, desta forma, a visão de natureza teria um caráter mais fluido. Essa mudança de referencial contaria com a contribuição da Teoria da Relatividade Geral de Einstein, proposta em 1915, visto que traz a noção de que o movimento de um corpo é relativo ao movimento de outros corpos de referência e ao da matéria como energia em ação, condensando a energia em estados diferentes – sólido, líquido e gasoso. Para Smuts (1996) as células funcionam conforme um modelo

semelhante à organização dos sistemas sociais, e cada organismo é um todo, que possui um padrão interno.

O que se formula atualmente como fundamento científico-social é o paradigma mecanicista dualista. Diante da natureza antagônica das descobertas científicas o paradigma holístico é formulado. Com base neste paradigma e no referencial transpessoal, Wilber (2008) traça os estágios de desenvolvimento da consciência divididos em quadrantes, que se referem às dimensões da vida ou de uma mesma situação, evento, projeto ou conflito. Os estágios – também chamados de níveis ou camadas – representam a maneira de pensar, sentir, agir e ser no mundo. São organizados em três formulações: o nível egocêntrico – permeado pelos próprios valores e do grupo próximo; etnocêntrico – que tem a sua visão de coletividade mais ampliada, concebe diferenças entre as pessoas e assimila a interação entre o seu grupo com outros grupos; e mundicêntrico – no qual as suas atitudes são voltadas para o bem coletivo, com a percepção das outras possibilidades de vida, nos diversos locais do planeta.

Os quadrantes são todos os ângulos que precisam ser analisados visando ações voltadas às resoluções e à excelência nas diversas áreas da vida. O quadrante superior esquerdo é referente aos aspectos internos da consciência do indivíduo (Eu). O superior direito é reservado aos aspectos físicos e biológicos do indivíduo, a manifestação objetiva do eu (Isto). O inferior esquerdo é referente aos aspectos culturais e como os pensamentos e ações são direcionados aos outros, amplitude da consideração cultural (Nós). O inferior direito é reservado aos aspectos sociais e ambientais, comportamento manifestado da cultura formada (Istos). Eu e Isto são quadrantes relacionados ao indivíduo (estão no singular), enquanto Nós e Istos são relacionados ao coletivo (estão no plural). Eu e Nós são relacionados a aspectos interiores, subjetivos (estão na primeira pessoa), e Isto e Istos são relacionados a aspectos exteriores, objetivos (estão na terceira pessoa).

Os aspectos da sustentabilidade são passíveis de observação e intervenção. As categorias de análise (alienação; identidade; responsabilidade individual; autogestão comunitária; corpo e memória muscular; sustentabilidade afetiva; democracia; e ação no meio rural e no meio urbano), serão organizadas nos quadrantes, propostos por Wilber (2008), a partir da perspectiva mundicêntrica, e da sua natureza (cognitiva, comportamental, emocional ou territorial).

A estruturação dos aspectos levantados na pesquisa aportados no mapa integral, que segue no Quadro 2, pode traduzir uma proposta de ação operativa utilizando o referencial da Psicologia Transpessoal como recurso prático para auto-observação do indivíduo sobre sua experiência e contribuição diante das dimensões da Sustentabilidade.

Quadro 2 - Mapa Integral da Sustentabilidade

| | |
|---|--|
| EU | ISTO |
| Interior do individual “O Eu e a Consciência” aspecto cognitivo identidade motivação intenção sentido de missão responsabilidade individual | Exterior do individual “O Cérebro e o Organismo” aspecto comportamental corpo disposição energética repetição do ato memória muscular hábito |
| Interior do Coletivo “Cultura e a Visão de Mundo” aspectos emocional e relacional compreensão da alienação cultural compreensão do fluxo cíclico dos afetos nos encontros sustentabilidade afetiva compreensão dos ciclos da natureza e de produção e consumo | Exterior do Coletivo “Sistema Social e Ambiente” aspecto territorial contexto urbano ou contexto rural possibilidades autogestão imersões debates Democracia |
| NÓS | ISTOS |

Fonte: Quadro construído pelos autores do artigo para classificar as categorias de análise encontradas nos resultados desta pesquisa, tendo como referência o modelo de mapa integral nos estudos de WILBER (2008).

7.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia pode contribuir na busca por uma emancipação na construção de uma identidade que está em metamorfose, no encontro do sentido pessoal e na vivência da sustentabilidade afetiva, diante dos enquadres alienantes na crise psíquica cultural. Enquanto diligente dos princípios éticos da profissão, a Psicologia oportuniza descobertas por indivíduos mais atentos às motivações e consequências de suas atitudes, à ciclicidade das relações e da natureza e às necessidades do coletivo. A Psicologia pode visar modos de vida sustentáveis, na análise de contexto e necessidades e planejamento, sendo um terreno fértil para provocações acerca das condições favoráveis ao engajamento das pessoas em ações sustentáveis. O lugar da Psicologia está em facilitar ao indivíduo o contato com seus potenciais criativos. A Psicologia é antialienante por convidar o ser humano à reflexão sobre o ser e estar no mundo, o pensar psicológico já estimula a sustentabilidade em seu cerne.

Uma crítica a ser feita é sobre a ausência de artigos recentes que pensem a sustentabilidade a partir do referencial da Psicologia Transpessoal. A segunda crítica a ser formulada é sobre a ausência da abordagem Transpessoal no currículo de graduação em Psicologia, pois na experiência acadêmica da autora o currículo não a dispunha como disciplina, nem em modalidade de extensão, contando com a disponibilidade de alguns professores em propor uma breve passagem pela temática. A terceira crítica é a escassez de espaço para discussão, por meio de disciplina de graduação, para a pauta ambiental na competência da (o) psicóloga (o).

A Psicologia Transpessoal assume uma linha de pesquisa e de psicoterapia voltadas à amplitude de percepção humana. A crise ambiental se delinea como uma crise de percepção do ser humano em seus afetos e habitar no mundo. Portanto, um caminho possível de contribuição é a realização de análises sobre os fatores que mobilizam os saltos nos níveis de consciência e os tópicos principais sobre as motivações nas práticas sustentáveis. Nas linhas antecedentes houve a busca por apresentar estes tópicos, para a proposta de novos estudos que realizem as análises sobre a relação supracitada.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, J. de S. A Formação em Psicologia Após 50 Anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia - Alguns Desafios Atuais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32 (num. Esp.), p. 216-231, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6134978>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOTARELLI, A. **O Psicólogo nas políticas de proteção social: uma análise dos sentidos e da práxis**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/17265/1/Adalberto%20Botarelli.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CORRÊA, D. A.; BASSANI, M. A. Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre Psicologia Ambiental e Logoterapia. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 20, n. 4, p. 639-649, out./dez., 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28453/pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

FUKS, M. Reflexões sobre o paradigma da economia ecológica para a gestão ambiental. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a08v26n74.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. University of Chicago Press, Chicago, 1962.

MACIEL, T. M. F. B.; ALVES, M. B. A importância da Psicologia Social Comunitária para o Desenvolvimento Sustentável. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, São João del-Rei, jul./dez, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n2/05.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

MALVEZZI, M. Identidade e sustentabilidade: os caminhos do homem-fronteira na atualidade. **Psicologia & Sociedade**, 29, e171993, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e171993.pdf>. Acesso em: 01 out. 2018.

MANSANO, S. R. V. Espaço urbano, natureza e relações sociais: por uma sustentabilidade afetiva. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 17, n. 3, p. 49-59. São Paulo, SP, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/04.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

MANSANO, S. R. V.; CARVALHO, P. R. Psicologia, Filosofia e Meio Ambiente: delineando o conceito de sustentabilidade afetiva. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 696-714, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/31445/23372>. Acesso em: 07 out. 2018.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21>. Acesso em: 20 out. 2017.

NINIS, A. B.; BILIBIO, M. A. Homo sapiens, homo demens e homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental. **Psicologia & Sociedade**; 24 (1), 46-55, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/06.pdf>>. Acesso em: 01/10/2018.

ROYSEN, R. O corpo e a adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso em uma ecovila. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, e164236, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v30/1807-0310-psoc-30-e164236.pdf>. Acesso em: 01 out. 2018.

SALDANHA, V. **A Psicoterapia Transpessoal**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

SMUTS, J. C. **Holism and evolution**. New York: The Gestalt Journal Press, 1996.

TORRACO, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1534484305278283>. Acesso em: 01 out. 2018.

WEIL, P. **Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

WILBER, K. **A Visão Integral**: Uma Introdução à Revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do Universo e de Tudo Mais. São Paulo: Cultrix, 2008.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

| | |
|-------------------------|--|
| TÍTULO DO ARTIGO | PSICOLOGIA E SUSTENTABILIDADE EM DIÁLOGO: UM OLHAR TRANSPESSOAL |
| RECEBIDO | 30/06/2020 |
| AVALIADO | 29/07/2020 |
| ACEITO | 15/08/2020 |

| AUTOR 1 | |
|------------------------------------|---|
| PRONOME DE TRATAMENTO | Sra. |
| NOME COMPLETO | Ana Maria Amorim Assis de Melo |
| INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO | Universidade do Estado da Bahia - UNEB |
| CIDADE | Salvador |
| ESTADO | Bahia |
| PAÍS | Brasil |
| RESUMO DA BIOGRAFIA | Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com ênfase em processos clínicos e de saúde. Tem experiência em Avaliação Neuropsicológica e habilitação cognitiva. Atua em Psicologia Clínica. Estuda a abordagem da Psicologia Transpessoal, e a dinâmica ser humano-ambiente, a partir do referencial da Psicologia Ambiental. |
| CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO | O artigo é fruto de uma pesquisa realizada para o trabalho de conclusão de curso da autora, sendo esta a autora principal. |
| AUTOR 2 | |
| PRONOME DE TRATAMENTO | Sr. |
| NOME COMPLETO | José Bonifário do Amparo Sobrinho |
| INSTITUIÇÃO | Universidade do Estado da Bahia – UNEB |
| CIDADE | Salvador |
| ESTADO | Bahia |
| PAÍS | Brasil |
| RESUMO DA BIOGRAFIA | Boni Sobrinho é psicólogo e professor substituto do Colegiado de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia. Mestre em psicologia Social e do Trabalho, é fundador do Centro de Pesquisas e Ciências do Comportamento (CEPECC), que desenvolve orientações de projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos, com foco em programas de mestrado e doutorado. |
| CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO | O autor realizou a orientação do trabalho monográfico e da elaboração do artigo, sendo o segundo autor. |

| | |
|---|--|
| Endereço de Correspondência dos autores | Autor 1: Salvador-Bahia. Autor 2: Salvador-Bahia. |
|---|--|